



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis;

William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barsanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

Conceito Espírita do Socialismo

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda
Conceito Espírita do Socialismo

COSME MARIÑO

Concepto Espiritista del Socialismo

Todos os direitos reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Luiz Gustavo Oliveira dos Santos
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-128-5
1ª Edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mariño, Cosme

Conceito Espírita do Socialismo / Cosme Mariño
— tradução de Luiz Gustavo Oliveira dos Santos –
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2022.

80 p. (Série Espiritismo “Progressista” ; Memória do Espiritismo)

ISBN 978-65-5727-128-5

Título original: *Concepto Espiritista del Socialismo*

1. Doutrina espírita 2. Espiritismo progressista 3.
Socialismo 4. Sociedade I. Título II. Santos, Luiz
Gustavo Oliveira dos III. Série

22-0921

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Cosme Mariño

Conceito Espírita do Socialismo

“O caráter de inviolabilidade que o direito de propriedade teve deve sua origem ao paganismo. O cristianismo tende a aboli-lo.”

Tradução

Luiz Gustavo Oliveira dos Santos

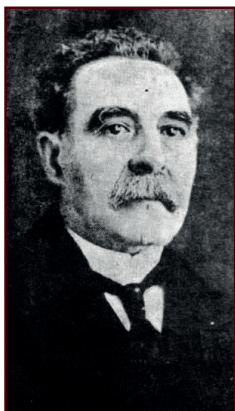
2022



Coleção Memórias do Espiritismo

- | | |
|---|--|
| <i>A Alma dos Animais</i>
Ernesto Bozzano | <i>O Mundo Invisível e a Guerra</i>
León Denis |
| <i>A Alma é Imortal</i>
Gabriel Delanne | <i>O Problema do Ser e do Destino</i>
León Denis |
| <i>A Crise da Morte</i>
Ernesto Bozzano | <i>Os Dogmas da Igreja do Cristo</i>
Apollon Boltin |
| <i>A Razão do Espiritismo</i>
Michel Bonnamy | <i>Pensamento e Vontade</i>
Ernesto Bozzano |
| <i>A Realidade dos Espíritos</i>
Barão Luís de Guldenstubbé | <i>Pesquisas Sobre a Mediunidade</i>
Gabriel Delanne |
| <i>Evolução Anímica</i>
Gabriel Delanne | <i>Povos Primitivos e</i>
<i>Manifestações Paranormais</i>
Ernesto Bozzano |
| <i>No Mundo dos Espíritos</i>
Leal de Souza | <i>Que é o Espiritismo?</i>
Allan Kardec |
| <i>O Espiritismo na Bíblia</i>
Henri Stecki | <i>Rumo as Estrelas</i>
H. Dennis Bradley |
| <i>O Espiritismo perante a Ciência</i>
Gabriel Delanne | <i>Síntese espiritualista</i>
<i>doutrinal e prática</i>
León Denis |
| <i>O Espiritismo perante a Razão</i>
Valentin Tournier | <i>Socialismo e Espiritismo</i>
León Denis |
| <i>O Espiritismo, a Magia</i>
<i>e as Sete Linbas</i>
Leal de Souza | <i>Tratado de Metapsíquica (Vol. 1)</i>
Charles Richet |
| <i>O Evangelho Segundo</i>
<i>o Espiritismo</i>
Allan Kardec | <i>Tratado de Metapsíquica (Vol. 2)</i>
Charles Richet |
| <i>O Gênio Celta e o Mundo Invisível</i>
León Denis | <i>Urânia</i>
Camille Flammarion |

Apontamentos bibliográficos de Dom Cosme Mariño



Autobiografia de um Mediocre intitula modestamente o senhor Mariño um extenso trabalho inédito sobre sua própria vida: trabalho que talvez escrevesse para seus íntimos, sem destiná-lo à publicidade, mas que, possivelmente, será necessário que um dia saia à luz, porque contém um caudal imenso de coisas interessantes, que não somente permitirão conhecer mais a fundo sua fisionomia moral, mas que contribuirão para ilustrar os capítulos mais realçados da história do Espiritismo em nosso país.

Não seria possível definir de forma mais concreta e real as características proeminentes de sua elevada personalidade, do que transcrevendo estas singelas palavras com que ele mesmo começa o Prólogo que precede essas suas *Memórias*:

O móvel de quanto fiz e pude exteriorizar foi sempre altruísta. Quanto acreditei que uma ideia era boa, tratei sempre de prestigiá-la e propagá-la dentro de minhas limitadas aptidões. Jamais me detive ante uma consideração egoísta ou de mero interesse pessoal, quando, com a sinceridade que me caracteriza, cheguei a descobrir uma ideia ou doutrina que pudesse servir para o progresso moral da humanidade. Como é público e notório, sacrifiquei toda consideração pessoal e utilitária, e até o bom conceito que pudesse ins-

pirar aos demais, quando vislumbrei um caminho mais reto e seguro de chegar à verdade: porque considero que a verdade, sinceramente sentida e praticada, é a única coisa que faz amar a vida, por sua dedicação ao próprio progresso individual, e ao coletivo.

Eis aqui, traçada em breves linhas, toda a vida de Cosme Mariño: *uma vida de altruísmo, de idealismo, de investigação da verdade.*

Para aqueles de nossos leitores e correligionários que se interessem em conhecer as datas mais importantes da vida de Mariño e de sua destacada atuação nas fileiras do Espiritismo, anotamos brevemente os seguintes dados biográficos:

Dom Cosme Mariño, filho de dom Gervasio e dona Mercedes Silva y Urrutia, nasceu em Buenos Aires, no ano de 1847; seus antepassados mais imediatos foram comerciantes, modestos, mas de irrepreensível conduta e moralidade. Educado, especialmente pela mãe, com sentimentos religiosos, ele mesmo confessa sinceramente ter nascido para o sacerdócio, que teve, no entanto, de exercer de uma forma laica, ou liberal e independente. Respondendo a essa sua inclinação natural, depois de ter cursado os primeiros estudos nas escolas do Estado, passou um ano e meio na Igreja de San Nicolás, sob os cuidados de seu padrinho, o Rev. P. Juan Figueroa. Posteriormente, ingressou no Colégio de San Francisco, cursando estudos superiores e aprendendo latim. Mas, como sua vocação pela carreira eclesiástica fora minguando, ingressou na Universidade, para cursar Direito, tendo como companheiros de estudos o grande Pellegrini e o doutor Pirovano.

Vinculado com sincera amizade ao doutor José C. Paz, e acariciada por este último a ideia de fundar um diário tendente a impulsionar o progresso do país, Mariño contribuiu em primeiro plano com o aparecimento do hoje grande diário *La Prensa*, figurando gloriosamente como seu primeiro diretor, no ano de 1869.

Exigido por seu pai e irmão, teve, logo, que abandonar suas tarefas jornalísticas nessa incipiente publicação.

Estourada a epidemia da febre amarela em Buenos Aires, em 1871, Mariño tomou parte ativíssima na heroica Comissão

Popular e, expondo sua vida, combateu eficazmente o terrível flagelo: recebeu, como recompensa, a medalha de ouro da Municipalidade de Buenos Aires. Outra medalha lhe coube também da Junta de Lazaretos de Santiago de Chile, como lembrança da participação que teve no envio de recursos para as famílias desamparadas por causa do flagelo.

Radicado posteriormente, em 1874, na cidade de Dolores, e há pouco de ter contraído matrimônio com a senhorita Mercedes Milani de Chascomús, foi presidente do Hospital San Roque dessa cidade, desdobrando uma ação sumamente profícua para aquela instituição.

Foi na cidade de Dolores que conheceu pela primeira vez o Espiritismo, ao qual havia de dedicar logo, com tanto entusiasmo, todo o resto de sua larga vida. As primeiras experiências se verificaram na casa do doutor Pedro Bourel, sendo seus acompanhantes o doutor Fernández, o doutor Justo P. Ortiz, Enrique Becker, Felipe Aristegui, Alejandro Villaabrille, e o engenheiro Rafael Hernández, que foi seu verdadeiro iniciador.

Estabelecendo-se, em 1879, em Buenos Aires, ingressou, em meados desse mesmo ano, a Sociedade “Constancia”, então de recente fundação.

Sua atuação no seio de “Constancia” é de público conhecimento: depois do primeiro ano de seu ingresso na mesma, foram-lhe confiados postos importantes e dirigentes, e foi assim que, no ano de 1881, tomou a seu cargo a direção da Revista do mesmo nome, sendo eleito, também nesse ano, presidente da Sociedade; ambos os cargos desempenhou, sem interrupção, durante 46 anos.

A partir das colunas da *Constancia* ou bem alugando páginas em outros diários (*La Prensa, La Nación, El Nacional* etc.), o senhor Mariño saiu em defesa da doutrina espírita, toda vez que ela fora atacada ou desnaturada. Sustentou polêmicas memoráveis com os diários católicos, como *La Unión* e *La voz de la Iglesia*; controvérsias espetaculares com médicos, psiquiatras e dignatários da Igreja; iniciou a propaganda metódica do Espiritismo mediante as conferências públicas e, durante muitíssimos anos, foi o mais autorizado e infatigável conferencista.

Suas iniciativas em benefício da Sociedade “Constancia” e do Espiritismo em geral foram múltiplas, sendo a mais importante, merecendo citar-se em primeira linha, a de assegurar ao centro um local próprio, a obtenção da pessoa jurídica e a fundação do Asilo Primer Centenario para crianças desvalidas, que teve a sorte de ver inaugurado em apenas dois anos.

Seu labor intelectual foi muito intenso. À parte a Revista *Constancia*, em que, durante tantos anos, veio publicando toda classe de artigos interessantes sobre filosofia e moral espírita, e, ademais, as inumeráveis conferências dadas dentro e fora do local social, o senhor Mariño deu à luz pública os seguintes livros:

O Espiritismo, O Espiritismo ante a ciência, Bases para a formação de um partido democrático liberal, O Espiritismo ao alcance de todos, Provas concludentes da existência da alma, Regras para a formação de centros espíritas, (em colaboração com o doutor Ovídio Rebaudi); *O ideal e o real*, drama inspirado na célebre novela de T. Gauthier, *Espírita*, e representado pela Companhia Galé no teatro Victoria desta capital, no ano de 1893; *Cartas de Júlia* (versão do livro de W. Stead, e comentadas pelo tradutor); *Catecismo de moral e religião*, traduzido do francês, original de Bonnefont; *A primeiras andorinhas* (novela), obra póstuma. Podem-se considerar como uma produção importante de Mariño os apontamentos que veio publicando na Revista *Constancia* sobre os princípios e o desenvolvimento do Espiritismo na República Argentina, que seguramente estão destinados a servir como fonte de fidedigna informação para quando se tenha que escrever uma detalhada história de nosso credo neste país.

Dom Cosme Mariño falece aos 80 anos de idade.^[1]

A. D.

[1] *Fonte: O Espiritismo na Argentina*, Cosme Mariño, Editorial Constancia, Buenos Aires – Argentina, setembro do ano de 1963.

Nota dos editores

[Da edição da Sociedade Victor Hugo, publicada em 1960.]

O Espiritismo, assim o demonstram os fatos, está chamado a canalizar a consciência humana para um novo significado acerca das duas grandes realidades que movem o desenvolvimento geral dos povos: a realidade espiritual e a realidade social. Para confirmar essa asserção, damos à publicidade este magnífico trabalho doutrinário de Cosme Mariño, uma das maiores figuras do espiritualismo espírita da América Latina, cuja pena soube expor com invejável claridade a maneira de encarar os fenômenos sociais e o significado que possuem a sociedade e a história à luz do Espiritismo.

Com o presente estudo, desejamos pôr a manifesto a parte mais desconhecida de Cosme Mariño, aspirando que seu pensamento espírita e social sirva de norma e orientação aos estudiosos da doutrina espírita em um momento da história em que o Espiritismo deverá entrar na lide humana, para canalizar os problemas sociais e espirituais por um caminho novo e revolucionário. Cosme Mariño era, pois, um adiantado das ideias progressistas; por isso, seu pensamento e sua pena, críticos e filosóficos sempre, resultarão de grande atualidade e ressoarão muito profundamente na consciência contemporânea e do futuro. Não em vão, o kardecismo teve nele um de seus mais preclaros representantes quando ainda era uma explosão pronunciar a palavra Espiritismo.

Sua obra, prematura para seu tempo, faz-se presente na hora atual assinalando a grande visão ideológica e espiritual da filosofia espírita. À medida que o processo histórico se acentua, Cosme Mariño irá cobrando atualidade e seu labor doutrinário será recolhido pelas novas gerações que, sem dúvida alguma, participarão na grande transformação espiritual e social do mundo. Numa palavra: o pensamento de Mariño se apresenta cheio de promissoras esperanças para o espírito humano. A presente publicação é dedicada aos fundadores da Sociedade Espírita Victor Hugo, Antonio Rodríguez Díaz e Aurora Gálvez, como uma afetuosa homenagem espiritual ao se inaugurar em Buenos Aires sua nova sede social.

Conceito espírita do socialismo

Refutação ao sermão, pregado na catedral
pelo monsenhor Miguel D'Andrea,
sobre o socialismo e a família

Conferência dada na sociedade "Constancia" por Cosme Mariño, na quarta-feira, 16 de julho de 1913.

Senhoras e senhores,

Agora que o socialismo começa a prosperar entre nós, convém que nos ocupemos de tão importante questão, porque esse ramo da Sociologia é também da alçada do Espiritismo.

Vão já para trinta anos que o socialismo começou a se divulgar entre nós, mas não em sua face política que agora enfrenta com entusiasmo e êxito, e sim em sua face teórica ou filosófica. Os que iniciaram esse movimento eram, em sua maioria, estrangeiros e, como estes não queriam se fazer cidadãos argentinos, não podiam influir de uma maneira prática e positiva nas funções do governo. Portanto, suas teorias não pesavam nem pouco nem muito na marcha política do país.

Pouco a pouco, foram ingressando na associação elementos nativos, no geral saídos das faculdades de Medicina e de Direito; estes iniciaram uma propaganda enérgica entre os afiliados, a fim de convencer os teóricos de que, na forma em que se orientava o socialismo, não podia dar os resultados apetecidos. Eles queriam influir na política militante, apresentar-se nos comícios como um partido com programa e fins definidos, a fim de que, com o passar do tempo, conseguissem estar representados no congresso, pois a prédica filosófica que

se fazia não se podia provar senão na ação eficaz dos comícios e parlamentos.

Homens como os doutores Julio Árraga, José Ingenieros, Nicolás Repetto, Adrián Patroni e muitos outros argentinos patrocinavam uma intervenção eficaz na coisa pública. Os estrangeiros foram se convencendo de que, efetivamente, seus princípios eram tidos em bem pouca estima e que estavam vegetando na sombra. Tanto porque eles, em sua qualidade de estrangeiros, careciam de toda autoridade para fazer propaganda positiva de seus princípios – bem pouco conhecidos então e, por isso mesmo, geralmente mal compreendidos e mistificados pela ignorância do povo e pelas falsas e malévolas inventivas dos que se veriam prejudicados em suas tendências sectárias ou em egoísmos inconfessáveis –; quanto porque, mostrando-se nessa atitude passiva, careciam dos meios naturais para a modificação das leis injustas e para a sanção de outras mais em harmonia com o desenvolvimento social econômico e conducentes a pôr barreiras eficazes à desenfreada avalanche do capital – que tendia a fazer dos homens meras bestas de carga –, precisamente no momento histórico em que a classe trabalhadora mais necessitava sair desse estado de abjeção e servidão para se apresentar como cidadãos livres, conscientes de seus direitos e com os meios necessários para o cumprimento de todos os seus deveres sociais.

Os estrangeiros socialistas, pois, começaram a ceder em sua intransigência. E, mesmo que existam ainda muitos a quem repugna se fazerem cidadãos argentinos, esses são geralmente anarquistas, que, como se sabe, negam Deus, a pátria e a religião, proclamam a fraternidade universal, mas sempre entendendo a fraternidade entre os que comungam com suas ideias, pois aos outros, ainda que sejam a imensa maioria humana, odeiam com aquele ódio do fanatismo e sec-

tarismo que tanto sangue custou e que seguirá se derramando até que desapareçam esses elementos anárquicos, pelo triunfo definitivo do amor e da verdadeira democracia.

Nossas simpatias foram sempre pelo socialismo, porque, como dissemos, dentro dos princípios do Espiritismo cabe o socialismo, suposto que a doutrina revolucionária de Jesus é essencialmente socialista. “Amai-vos uns aos outros, disse Jesus, porque todos sois irmãos, filhos de um mesmo Pai^[2].” Por outra parte, afixava os princípios em que se afixa a democracia moderna, proclamando a liberdade e fraternidade dos homens. O socialismo não proclama a igualdade absoluta^[3], senão mais justiça na distribuição dos bens da Terra, porque estes não são propriedade de nenhuma raça, povo ou homem, mas da natureza que os dá a todos sem exceção, com a mesma prodigalidade de uma mãe carinhosa. O socialismo pede mais justiça na distribuição do capital, porque o capital é o produto direto do trabalho de todos; e são os que mais contribuem para sua formação que, em todo tempo, foram vítimas do egoísmo dos mais fortes, dos que têm se erigido em super-homens, apoiados na fraqueza e na ignorância do rebanho humano.

O socialismo, pois, sob sua face econômica e com as regras morais que estabelece para dignificar e elevar a classe trabalhadora, não pode deixar de se orientar nos mesmos princípios do Espiritismo. Mas o Espiritismo vai muito mais longe, porque não se limita à face econômica, senão também à face espiritual, proclamando as doutrinas filosóficas que explicam e fundam o direito legítimo de todos os homens à vida e, por isso mesmo, a não carecer dos meios indispensáveis para vivê-la dignamente, em harmonia com as capacidades de cada ser. “A cada um, segundo suas necessidades e

[2] João 13:34-35, 15:12,17; Mateus 23:8-9. (Nota do tradutor, a partir de agora: N. T.)

[3] Em sua face inicial.

aptidões”, disse um socialista^[4], e assim deve ser: o homem que tem mais aptidões e maiores necessidades não pode se igualar com o que tem menos ou nenhuma; no entanto, isso não deve ser óbice para deixar de garantir a vida de todos os homens nos países que se blasonam de cristãos. Ao ocioso que se nega a contribuir em mancomunidade com os demais homens, pretendendo se constituir no zangão da colmeia humana^[5], este, seja pobre ou rico, há que ser considerado como enfermo espiritual, suscetível de melhoria; e, para essa classe de homens, devem-se fundar reclusões ou sanatórios onde cumpram uma tarefa gradual, a fim de curá-los de sua desidia e aprendam a não ser gravosos à sociedade quando têm, como todos, faculdades, que só lhes falta desenvolvimento e o conceito de uma ideia mais exata do que é a dignidade humana apoiada no sentimento do dever.

Todas essas ideias o Espiritismo sustenta, mas, se os espíritas, em geral, não são militantes nem se afiliam ao socialismo, é porque este limita seu programa à face econômica e se desentende do estudo da personalidade humana; não se advoga^[6] o estudo dos problemas transcendentais do “porquê

[4] Essa ideia se depreende de Platão, *A República*, livro IV, 420b-421c. Na Bíblia, está presente em Atos 2:24-46 e 4:32-35. Mais tarde, foi retomada, em espírito, entre outros, pelo rousseauiano francês Morelly, precursor do socialismo utópico, em seu *Código da natureza*. Depois, ela ressurgiu literalmente escrita por Karl Marx, como lema da sociedade comunista, na *Crítica do Programa de Gotha*, I, n° 3. (N. T.)

[5] A sociedade humana é comparada a uma *colmeia*, por Platão, em *A República*, livros VII (520b) e VIII (552c); o filósofo chamava indivíduos exploradores e aproveitadores, flagelos sociais, de *zangões*, no livro VIII (552c-e, 554b, d, 556a etc.) Semelhantemente, o Espiritismo compara a sociedade previdente, que deve garantir a vida de todos e que realizaria a grande *família humana*, a uma colmeia, onde *não se passa necessidade* mesmo quando não se pode trabalhar, graças à *abundância coletiva* advinda do trabalho geral, *nem se acumula individualmente* como egoísta: “O direito de viver dá ao homem o de amontoar do que viver para repousar *quando não puder mais trabalhar?* ‘Sim, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por um trabalho honesto, e não amontoar como um egoísta. Certos animais mesmos lhe dão o exemplo da previdência.’” (Allan Kardec, *Livro dos Espíritos*, n° 881.) (N. T.)

[6] Na versão que usamos, consta “*no se abroga*” (“não se ab-roga”), mas a crítica aqui é que as questões indicadas *acabam sendo, sim, ab-rogadas*; parece haver, pois, um erro. Corrigimos para o que mais se aproxima e se harmoniza com as ideias: “*no se aboga*” (“não se advoga, não se defende”). (N. T.)

deste mundo” e do “porquê da vida”; não se detém a estudar a razão das desigualdades sociais, e, se entra nesse terreno, é para apreciá-lo todo do ponto de vista deste limitado mundo; e, com essa lógica e ponto de mira, resulta que o mundo é um tecido de contradições e o maior absurdo. E, com essas falsas apreciações, desconhecem o passado do homem e a verdadeira causa das misérias e injustiças; ignoram que estas, em sua maioria, vêm de um passado e é esse passado que há que estudar, porque nele se encontra a explicação clara das causas que originam os caprichos aparentes da sorte, a crueldade de muitos destinos humanos e todas essas aparentes contradições e injustiças, que, bem estudadas, resultam numa lógica e sabedoria admiráveis.

Limitado o socialismo a trabalhar pela derrocada de instituições vetustas, fundadas na arbitrariedade e na força, sempre do ponto de vista econômico, descuida, quando não nega em absoluto, que existe uma base mais grandiosa e natural que o princípio de justiça^[7].

Concordes com ele em último resultado; mas, esse princípio de justiça, em que o apoiam? Tem uma base sólida, inamovível? Segunda nossa modesta opinião, não a tem, nem para os socialistas, nem para a burguesia egoísta que defende seus privilégios arraigados de séculos, escudada na ignorância e na perversão dos povos.

Os grandes pensadores materialistas opinam que este mundo, tal como está feito, é o resultado de uma cruel injustiça e do maior dos absurdos. Esse conceito do mundo nada importaria, se o homem esperasse uma existência mais real desta vida, se tivesse fé numa justiça absoluta que, em definitivo, corrigisse ou pusesse na linha a mesquinha e imperfeita justiça dos homens.

[7] Isto é, do princípio de justiça relativista das leis humanas, como será explicado. (N. T.)

Porém, se o socialista se aferra em sustentar que tudo se conclui com a vida material, com que direito obrigar os burgueses – que, por meio da força, apoderaram-se dos capitais e são os gozadores do mundo –, com que direito, digo, exigir-lhes que sejam mais humanos, se o princípio que reconhecem está baseado em que o mundo é dos, e para os, mais audazes e fortes?

Se somos o produto do absurdo e de uma injustiça; se aquele que não tem garras de leão deve sucumbir porque sua mísera existência é mais um obstáculo que uma força que concorre para os fins da vida, por que se há de pedir ao leão uma partilha dos bens dos quais se apossou? Por que pedir um sentimento de equidade e de justiça, se a justiça é a palavra mais hipócrita de que os homens fazem uso para o domínio do mundo?

Nietzsche, o grande pensador, já o disse: o mundo é dos mais esforçados, dos de maior energia para dominá-lo e colocá-lo sob suas solas. Chegar ao super-homem, eis aí o grande ideal da humanidade! Mas o super-homem, nesse caso, não é o mais virtuoso, o mais inteligente, e sim o que emprega melhor suas forças para avassalar os fracos, o que se levanta sobre os despojos humanos, o que se vale melhor de sua inteligência e astúcia para dominar as multidões dóceis enquanto ignorantes e abjetas; esse é o que merece o triunfo, esse é o único que tem direito à vida, esse é o super-homem. Assim o proclama Nietzsche; e, se Nietzsche não o dissesse, aí está a humanidade contemporânea pondo em prática esses princípios.

Logo, pois, em que princípio estável de justiça pode se fundar o socialismo para filosofar e pregar a redenção do escravo, para romper as cadeias que fazem ainda do homem uma besta de carga? Como pode ser um fundamento sólido, que faça meditar e pensar, que entusiasme os homens, esta